

“O TREM E SUAS CANÇÕES”

Todos conhecem o fascínio que o trem exerce na vida das pessoas. Nas grandes cidades, ou nos locais mais distantes, desde o tempo da saudosa Maria Fumaça aos dias de hoje, a passagem do trem, com o seu trilhar característico e o apito da locomotiva, invariavelmente nos transporta ao passado, ou para aquela estação, com a imagem de seus impacientes passageiros em chegada ou partida, trazendo e levando a vida de cada um, bem como suas histórias, em constantes encontros e desencontros, sob o olhar atento do agente da estação.

Essa magia vem de longa data. Em nosso país, ela se fez notar com mais intensidade no século passado, mais precisamente nos anos quarenta a sessenta, áureos tempos da ferrovia brasileira.

Tal fascínio se estende aos trens de carga transportando alimentos, combustível, água e muito mais: a esperança de uma vida melhor. Um pouco desse imaginário, bem como da realidade do dia-a-dia, está registrada em verso e prosa e ao som contagiante de músicas inesquecíveis, verdadeiras obras-primas. Com esse propósito destaque algumas delas, que por si dão o recado.

Pois bem, ficaram para trás: lembranças, trilhos arrancados, estações esquecidas e o velho maquinista; tal como o compositor e cantor mineiro Milton Nascimento, em seu disco Minas, lançado em 1975, com parceria do também mineiro Fernando Brant. Ambos fotografaram o que viram, em verso e em tom nostálgico, na música “**Ponta de Areia**”:

*Ponta de Areia ponto final
Da Bahia-Minas
estrada natural
Que ligava Minas
ao porto, ao mar
Caminho de ferro
mandaram arrancar
Velho maquinista
com seu boné
Lembra o povo alegre
que vinha cortejar
Maria-fumaça
não canta mais
Para moças, flores,
janelas e quintais
Na praça vazia um grito
Casas esquecidas
viúvas nos portais.*

Embarcando no trem, os mesmos Milton Nascimento e Fernando Brant, chegaram em uma estação com muitos “**Encontros e Despedidas**”:

*Mande notícias
Do mundo de lá
Diz quem fica*

*Me dê um abraço
Venha me apertar
Tô chegando...
Coisa que gosto
é poder partir
Sem ter planos
Melhor ainda é poder voltar
Quando quero...
Todos os dias é um vai-e-vem
A vida se repete na estação
Tem gente que chega prá ficar
Tem gente que vai
Prá nunca mais...
Tem gente que vem e quer voltar
Tem gente que vai, quer ficar
Tem gente que veio só olhar
Tem gente a sorrir e a chorar
E assim chegar e partir...
São só dois lados
Da mesma viagem
O trem que chega
É o mesmo trem
Da partida...
A hora do encontro
É também, despedida
A plataforma dessa estação
É a vida desse meu lugar
É a vida desse meu lugar
É a vida...*

“Ficaram para trás: lembranças, trilhos arrancados, estações esquecidas e o velho maquinista.”

Tais encontros e desencontros, o leva e trás dos trens, contado pelo próprio trem, com final bem humorado, fazem parte da canção “**Trenzinho**”, composta por Toquinho e Mutinho:

*Corro o tempo inteiro
E nunca tenho muito tempo pra
parar
Sempre e tanta gente pra partir
Igualmente pra chegar
Faço encontros cheios de
emoções...
Sempre o mesmo trilho a
percorrer
E o velho tic, tic, tic, tic
Num eterno leva e trás
Isso não tem fim
Já não aguento mais
Como se eu corresse
Na minha frente
E também viesse atrás...*

Na linha romântica, o coração ficou batendo parado “**Naque-la Estação**”. É o que diz a composição de João Donato, Caetano Veloso e Ronaldo Bastos. A música, mais conhecida na voz de Adriana Calcanhoto, fala de alguém que partiu para ver outras paisagens:

*Você entrou no trem
E eu na estação
Vendo um céu fugir
Também não dava mais
Para tentar
Lhe convencer
A não partir...*

*E agora, tudo bem
Você partiu
Para ver outras paisagens
E o meu coração embora
Finja fazer mil viagens
Fica batendo parado
Naquela estação...*

Quem nunca cantou ou ouviu o inesquecível “**Trem das Onze**” de Adoniram Barbosa? A música foi imortalizada pelo grupo paulista Demônios da Garoa.

*...Não posso ficar
Nem mais um minuto com você
Sinto muito, amor
Mas não pode ser
Moro em Jaçanã
Se eu perder esse trem
Que sai agora às onze horas
Só amanhã de manhã...*

Ainda na vertente romântica, Zé Renato, Juca Filho e Claudio Nucci, à época, componentes do Grupo Boca Livre, compuseram “**Toada**”, tendo o trem como coadjuvante:

*Vem morena,
ouvir comigo essa cantiga
Sair por essa vida aventureira
Tanta toada eu trago na vida
Pra ver você mais feliz
Escuta o trem de ferro
alegre a cantar
Na reta da chegada
pra descansar
No coração sereno
da toada...*

“Quem nunca cantou ou ouviu o inesquecível ‘Trem das Onze’ de Adoniram Barbosa.”

Os versos de Raimundo Fagner e Fausto Nilo, retratam a paixão de alguém que fora esquecido no “**Ultimo Trem**”:

*Já chorei na estrada da vida
Esquecido no último trem
Procurando em
estradas perdidas
Os pedaços do meu
querer bem...
A paixão que enlouquece
os meus dias
Adormece nos olhos de alguém
Amanhece na minha alegria
E anoitece no último trem...*

Da série: o trem e o trabalhador; destaca-se a composição de Chico Buarque “**Pedro Pedreiro**”, na qual a canção, em seu final, música e letra, em perfeita harmonia, lembram o movimento e o som do trem nos trilhos: “*que já vem, que já vem, que já vem...*”:

*Pedro Pedreiro penseiro
esperando o trem
Manhã, parece,
carece de esperar também
Para o bem de quem tem bem
De que não tem vintém...
Esperando, esperando,
esperando
Esperando o sol
Esperando o trem
Esperando aumento
para o mês que vem...
Que a esperança aflita,
bendita, infinita
Do apito do trem
Pedro Pedreiro penseiro
esperando
Pedro Pedreiro penseiro
esperando
Pedro Pedreiro penseiro
esperando o trem
Que já vem, que já vem,
que já vem, que já vem...*

Na mesma série insere-se: o “**O Trem Atrasou**”, música e letra de Vilarinho, Estanislau Silva e Paquito. Na composição, os autores referem-se à Estrada de Ferro Central do Brasil, ou seja, a Central:

*Patrão o trem atrasou
Por isso estou chegando agora*

*Trago aqui um memorandum
da Central
O trem atrasou meia hora
O senhor não tem razão
Pra me mandar embora*

Inspirando-se em um trabalhador, também estudante, Martinho da Vila, compôs a letra e música do “**O Pequeno Burquês**”. O trabalhador-estudante, que viajava de trem, passou no vestibular, mas não tinha dinheiro para pagar a faculdade, que era particular:

*...Morei no subúrbio
Andei de trem atrasado
Do trabalho ia pra aula
Sem jantar e bem cansado...
Mas felizmente
Eu consegui me formar
Mas da minha formatura
Nem cheguei a participar
Faltou dinheiro para beca
E também pro meu anel
Nem o diretor careca
Entregou o meu papel
O meu papel, meu canudo
de papel.*

Mais uma do Chico Buarque, vinculando o trem à vida simples dos subúrbios, em “**Gente Humilde**”:

*Tem certos dias
Em que penso em minha gente
E sinto assim
Todo o meu peito apertar
Quando eu passo no subúrbio
Eu muito bem
Vindo de trem de algum lugar
E aí me dá como inveja
dessa gente
Que vai em frente
Sem nem ter com quem contar*

Raul Seixas não podia ficar de fora. Em sua composição “**O Trem das sete**”, descreveu, em sua visão, um poderoso e enigmático trem:

*Ói, ói o trem
Vem surgindo detrás
das montanhas azuis,*

*olha o trem
Ói, e o trem
Vem trazendo de longe
as cinzas do velho eon
Ói, já vem
Não precisa passagem
nem mesmo bagagem
no trem
Quem vai chorar?
Quem vai sorrir?
Quem vai ficar?
Quem vai partir?
Pois o trem está chegando
Tá chegando na estação.
É o trem das 7 horas
É o último do sertão...*

O trem virou expresso e saiu da Central do Brasil pra depois do ano dois mil. “**Expresso 2222**”, letra e música de Gilberto Gil, em uma visão futurista, à época da composição.

*...Começou a circular
o Expresso 2222
Da Central do Brasil
Que parte direto
de Bonsucesso
Pra depois do ano 2000
Dizem que tem muita
gente de agora
Se adiantando,
partindo pra lá
Pra 2001 e 2 e tempo afora...*

E o clássico: “**O trenzinho do Caipira**”? Claro, não pode ser esquecido. É “Sua Majestade o Trem” personificado em música de Heitor Villa Lobos, com poema de Ferreira Gullar:

*Lá vai o trem com o menino
Lá vai a vida a rodar
Lá vai ciranda e destino
Cidade e noite a girar
Lá ai o trem sem destino
Pro dia novo encontrar
Correndo vai pela terra
Vai pela serra
Vai pelo mar
Correndo pela serra do luar
Correndo entre as estrelas a voar
No ar, no ar, no ar.*

“E a Rede Ferroviária Federal S.A. - RFFSA, onde foi parar?”

E o trem e o misticismo religioso? Então: “**Romaria**” de Renato Teixeira, muito conhecida na interpretação da saudosa Elis Regina, fala da fé de um caipira que não sabe rezar:

*...Sou Caipira, Pirapora nossa
Senhora de Aparecida
Ilumina a mina escura e funda
O trem da minha vida
Me disseram porém
Que eu viesse aqui
Pra pedir de romaria e prece
Paz nos desaventos*

*Como eu não sei rezar
Só queria mostrar
Meu olhar, meu olhar,
meu olhar
Sou caipira, pirapora nossa
Senhora de Aparecida
Ilumina a mina
escura e funda
O trem da minha vida*

E a Rede Ferroviária Federal S.A. - RFFSA, onde foi parar? Na letra e música dos gaúchos e Kleiton & Kledir, que conta a façanha de um noivo viajando em uma “**Maria Fumaça**”, título da música:

*...Essa Maria Fumaça é devagar,
quase parada
Ô seu fogueista, bota fogo na
fogueira Que essa chaleira tem
que tá sexta-feira
Na estação de Predo Osório,
sim senhor
Se esse trem não
chega a tempo
vou perder meu
casamento...
Dá-lhe apito e manivela,
passe sebo nas canelas
Seu maquinista eu vou
tirar meu pai da força
Por que não joga esse
museu no ferro velho
E compra logo um trem
moderno japonês?...
Se por acaso eu não casar
Alguém tem que indenizar
E é o presidente dessa tal
RFFSA, RFFSA, RFFSA, RFFSA
RFFSA, RFFSA, RFFSA, RFFSA.*

Pois bem, chega de saudade. Ih, essa frase dá outra história, mas fica para a próxima.

Desculpem-me os poetas, músicos e tantos outros artistas, e são muitos, que se inspiraram no trem, inclusive inúmeros ferroviários, mas procurei lembrar, em síntese, por meio desta matéria, os sucessos musicais mais conhecidos que abordam o tema.

Não poderia deixar de registrar minhas sinceras homenagens aos ferroviários, herdeiros diretos da magia do trem, do seu apito, daquela estação, do velho maquinista, da FEPASA e da RFFSA, e de tudo mais que foi cantado e escrito em verso e prosa sobre a ferrovia. Por tudo que os ferroviários construíram e continuam a fazê-lo merecem a admiração e o respeito de todos. Parabéns a eles.

Saudações ferroviárias!
Flavio Rabello.
Engenheiro da extinta RFFSA